VII

ALMA E INTELIGÊNCIA DE MACHADO DE ASSIZ

PADRE MISAEL GOMES

Meus Senhores. — Quem ousa romper com o passado? O homem vive e se aperfeiçoa zelando das tradições a experiência, para equilíbrio atual, maior garantia e segurança do futuro. Se olhos não volvesse prescrutadores, se as lições não apreciasse com que mortos influem sobre os vivos, qual o gozo de viver? Ainda o passado é a melhor parte do presente, doutrinou o memorialista de *Braz Cubas*. E desde o começo poetas, escritores, sábios e filósofos conduzem a humanidade. Foi o que entendeu Anatole France, quando disse: *Lentement, mais toujours l'humanité réalise le rêve des sages.* A humanidade marcha auspiciosamente para o sonho dos gênios.

Ilustre brasileiro, o maior dos nossos escritores, pontífice da lingua nacional, de Joaquim Maria Machado de Assiz festejamos o século: um século hoje do seu nascimento, vida util, fecunda; quasi 70 anos pode atingir, num crescendo de esforço e de trabalhos.

I

Viveu bastante o que viveu bem, e não deixa de interessar o que se refere a homens eminentes; mas, a propósito das comemorações centenárias, «que esse modo de viver seja ainda uma consolação», declarou Machado de Assiz, que foi grande alma e grande inteligência.

Assim reconheceram os que se lhe avizinharam. Entre nós, atesta-o Antônio Sales, igual a Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo Correia, Rodrigo Otávio e Euclides da Cunha, solícitos até a hora derradeira, em que ele *dissimulava a própria agonia para não magoar os outros com o reflexo da sua dor.* Nada perdeu a sua alma, vista tão de perto! Delicadeza de santo, que bem merecera esta expressão antiga de um Marcelo Timira: «Não pude conhecer a tua alma sem te amar!»

Entre os devotados, a graciosa Vasconcelos, a mesma que lhe afinou a lira:

—Ri, Guiomar, anda, ri, mimosa e boa.

Ela despertou a atenção do velho amigo, na hora amargurada da despedida: próximo, já mui próximo do fim, lembrou-lhe a ausência do sacerdote...

Que encanto! que primor de consagração na dedicatória à esposa, multiplicando o cabedal das *Relíquias de Casa Velha!*

—Aquí venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro...

E o seu último livro, *Memorial de Aires*, de inconfundivel sainete, acorde com o princípio de que «as dores guardadas no coração doem mais que as outras»? O Conselheiro dissimula Machado de Assiz

na tristeza e na velhice; o *Memorial* porem é flor, elegia ou poema vagneriano da saudade. A vida uma constante reminiscência, não há quem possa viver sem saudades...

Grande alma, no sentido do coração, correspondeu-lhe a inteligência.

II

No ano de 1897, primeiro da Academia Brasileira de Letras, o seu Presidente, já na última sessão, augurou: «Sejamos um braço do Amazonas; guardemos em aguas tranquilas e sadias o que ele acarretar na marcha do tempo.» Aquí a imagem do 1.o Presidente da Academia e seu papel na literatura: braço forte do Amazonas, alem do exemplo dignificante da força de vontade, em luta por colimar aspirações do sublime engenho.

Os ventos sopram, e os destinos tais quais os ventos enfunam a vela de cada um. Mares brumosos e céus temerários, os com que se afrontou o filho do Morro do Livramento no Rio-de-Janeiro. Da penumbra de origem, ei-lo tipografo; depois, amestrou-se jornalista, e alcançou personificar o seu idioma, até que sobreesteve luzimento da cultura e raça latina. Para que maior colheita de glórias?

Trabalhador emérito, tranquilo, como a recrear-se na contemplação de perspectivas e incidentes do caminho; em Portugal, elevou-o Teixeira Soares a um dos melhores *conteurs*, senão o melhor da lingua, pode o mesmo asseverar.

Brilhante na seleção dos ritmos, empregou-os, burilou, versejou com finura e gosto; lírico na forma, a mais espontânea e subjetiva do gênero poético. Sonetos escreveu que o não diminuem, encerram poemas e o não diminuem ao pé dos maiores vates.

Teatrólogo, cronista terso e abalizado, crítico sagaz, autor tão excelente nos domínios da ficção que, à maneira de Ronald de Carvalho, nos é lícito proclamar — o maior romancista da lingua portuguesa. Pelo menos, foi dos mais completos.

Não faltará quem vote no Eça.

Deixá-los! Mas, sobre arriscadas as comparações, esquecer não se deve que, em obra extensa e polimorfa, o escritor brasileiro adotou linguagem, se nativa muita vez, garridamente perfeita, correta, álacre, opulenta. Autor que fundiu mundos diferentes numa só harmonia, o mundo misterioso das palavras e o das sensações e miragens; contento-me com dizer que o seu nome seria laureado insigne, do Mundo em qualquer literatura. *Le Brésil a eu un écrivain dont la gloire a franchi ses frontières, en la personne de l'aimable ironiste Machado de Assis* — o observaram da França. Construiu, porem, obra que espelha a alma do povo.

Não se faz criador o artista, aproveitando só, realizando só e só imortalizando os próprios conceitos e emoções. Modelo grego: os poemas atribuidos a Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, compõem se de feitos heróicos diversos e rapsódias que espalharam os aedos de cidade em cidade. Foi tudo o que estilizou Homero, e Psístrato de Atenas resolveu editar. Nobre e digno exemplo, o escritor buscando o povo, educa, desperta-o para a consciência de si mesmo. Alem do padrão celebrado, Vergílio, Ariosto, Tasso e Gonçalves Dias cantaram façanhas e triunfos, vitórias da própria raça, do seu povo.

Convem insistir. Em que pesem todas as imagens, símbolos e figuras, o poema camoniano jamais desmentiu a índole nacionalista e popular de seus vultos heróicos. Celebrou a energia portuguesa. Expoente

de um ciclo de aventuras, descanta feitos notaveis, a arrancada das Navegações e o sentimento, a delicadeza d'alma, a meiguice do idioma, toda a candura poética da gente lusa.

Com que, então, o mestre da lingua e o seu maior clássico merece considerado o artista por excelência do seu povo.

A Machado de Assiz, o que ele atribuiu ao cearense, o glorioso Alencar: «Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira.» Para identificá-lo sob este aspecto, um sem-conto de elementos notamos, o conjunto da obra, criaturas e psicologia, recalques, humorismo, que admira influência e lances de uma sociedade em ser ou a evoluir, tons indecisos ainda e cambiantes, gerassem reflexos tão claros e positivos, na mente e no espírito desse que foi um esteta do romance.

O homem, as coisas e o meio retrata, o ambiente do Rio, a sociedade fluminense de anos atrás; pois a sua maior faculdade não é criar o vivo, mas recriar sobre o vivo. Esbateu galeria de figuras que se fazem ver desde o lusco-fusco das meias-tintas até aos esplendores mais vivos da realidade. Novo Rembrandt literato, foi um mago de sugestões e valores; vence e domina tudo com arte, e pela arte que o subiu. Passos embaraçosos, desenganos, contraditas, misérias, escrúpulos que analisou, movem à compaixão, muitas vezes fazem rir. E se a capital brasileira com a silhueta dos seus morros e bairros, os nomes de suas ruas e largos, casas de modas ou de pasto, surgem aqui e ali, transparecem nas miniaturas; Guiomar, Luiz Alves, Estevão em *A mão e a luva*, após muitos a quem animou e vivificou, «uma vida que tanto viveu as outras vidas», a família machadiana, em suma, são personagens de cotio, avezados, ingênuos ou ardentes das provincias.

A chasquear ou estudar, a chufear de aspectos grotescos, ou a cismar, Machado não se prende a modelos, não se escravizou a paradigmas: nem Lamb nem Sterne nem Renan nem Xavier de Maistre, Mark-Twain nem Jonathan Swift. A originalidade, entendia Goncourt, busca-se nos outros e muito longe de si, encontrando-a mais tarde cada um naturalmente em si. É o talento que se infunde, se transmite por infusão, como pensou Flaubert.

Machado conheceu obras notaveis, guardando os melhores ditames, visando ao conselho de Horácio: *Nocturna versate manu, versate diurna.* O seu humor veio da Inglaterra: julgam nisso uma revelação.

Mas para adotar, retorquimos, processo individual, tão depressa evade a corrente das escolas. Do romantismo aproveitou o estro brasileiro; do realismo, a observância, exação e apego à minúcia. Gostava do somenos e do escondido. «Eu tenho a alma feita, confessou o Aires, em maneira que dou apreço ao mínimo...»

A seu pendor intelectual, à doçura de seu espírito repugnavam desvaires, exageros, asperezas, enquanto sempre estimou o apuro da forma, cadência do verso e o significado dos termos, principalmente do adjetivo. Vicente de Carvalho considera o adjetivo ou uma flor ou uma chaga. Ninguem melhor o cirandou do que nosso herói, trabalhando sobre si arte maravilhosa, a mergulhar abismos do coração.

Nenhuma esfinge capaz de resistência ao novo Édipo. Escancara intimidades, ilumina arcanos, penumbras, escurezas, ao ponto de o julgarmos um rival de Castilho, para quem o Mundo foi mais propriamente o Mundo interior. O lusitano, os assuntos descreve de maneira relevante, clássico em pleno século XIX, como foi ainda A. Herculano em Portugal; de-

pois, Rui Barbosa no Brasil. Temperamento criador, porem cego desde os cinco ou seis anos de idade, Antônio Feliciano, à conta de vigorosas figuras, supriu a análise direta, necessária, e a sua deficiência possoal.

Machado invés seguiu caminho, abriu caminhos, com proporcionar-lhe a Natureza olhos de ver, entre os sentimentos humanos, os mais recônditos. «Onde ninguem mete o nariz—assegurou — aí entra o meu.» Encarnando o próprio idioma, aristocrata do pensamento, a senda perlustrou do belo ao bom,do agradavel ao util, a multiplicar-se a vida na exuberância literária de ambos: Machado e Antônio Feliciano de Castilho.

O nosso escritor alterna, com a graça imaginosa, aspectos verdadeiros, e o raciocínio com o encanto da inspiração; algumas vezes, a luz indecisa dos templos gregos. . . favoravel à meditação. Cônscio de que o sentimento não pode sobrepor-se no homem, apesar disto comunicou emotividade aos lavores; mas buscou arte principalmente no refletir, à maneira do filósofo de Kœnigsberg, para quem «o entusiasmo é a mais sublime manifestação da razão». Donde o cultivo de Machado de Assiz, à Stuart Mill e Herbert Spencer, cultivo psicológico ao gosto de seu gosto, interessado pelos caracteres, estudo dos sentimentos e paixões.

Constituem colar de gemas, rosário de belezas, *Braz Cubas*, *Quincas Borba*. *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* ... via-láctea de primores. O motejo ressalta, a crítica aos poderosos e o comedimento, toque mágico, o dom excelso da Arte. Araripe Júnior considera *Braz Cubas* e o *Quincas Borba* livros únicos na literatura portuguesa. Só o capítulo "Delírio" das *Memórias*, uma maravilha!

Para enricar volumes, bastariam as parêmias, múltiplos aforismos com que apurou imorredouras verdades. Suas proposições, leves ou profundas, condensam ordem, rigor, sistematizando o mecanismo verbal. Geômetra da forma e do período, à nitidez, transparência de idéias, humor e introspecção, uniu máxima naturalidade. Os mestres do romance contemporâneo, já não falo dos autores consagrados como Bossuet, Chateaubriand, Pascal, Renan, Taine e outras sumidades nas ciências e letras, lúcida inteligência demonstraram na singeleza dos processos, no discreto da linguagem.

Porque a beleza, gêmea da verdade,
a arte pura, inimiga do artifício,
é a força e a graça na simplicidade.

(O. BILAC)

Em Machado, pois, o humano, o simples, o natural grangeou-lhe espécie de euritmia, equilíbrio entre a vida e a obra, o que não obstou vivesse para a Arte, sua predileta, no recolhimento do lar, no doce sossego; no trabalho assíduo e infatigavel, no consolo da viuvez e da sua enfermidade; funcionário público, extremou os mais pequeninos deveres, 40 anos.

Isto de Arte não transluz só numa tela, no mármore, no papel; podendo expressar-se em todas as coisas que entram na vida, ela, unicamente, encerra o fim em si mesma. A obra de Machado de Assiz tem a sua finalidade em si mesma, com ser bela, exata e perfeita. Porem, com frequência, obra de arte ou literatura, a intimidade moral desvenda de quem a realizou; os quadros de Rafael, por exemplo, refletem a serenidade e alegria do seu espírito.

Urde a lenda fios misteriosos; porem o maior vulto da nossa literatura desadora as multidões. Nas maneiras muito reservado, cresceu-lhe não obs-

tante a auréola; em 31 anos, de 1908 a 1939, o homem e sua obra entraram a reviver. Poderíamos repetir com o personagem de Aristófanes: «Morrí, mas minha poesia me sobrevive!», se não com Henrique III ante o corpo do Duque de Guise: «Morto, ainda parece maior do que vivo!»

A insaciabilidade conduz os destinos de toda gente. Sem embargo, não desfaleça nem desmereça o legado de nossos maiores, patrimônio de espíritos que brilharam: há luzes rútilas de astros mortos.

Bom que se consulte a opinião pública; melhor é não se fiar. Mas a recordação une-se à esperança. Pelo mundo alastram idéias, fluidificando e frutificando qual novo polen. O gênio fraternizou com os que passaram na lenta evolução, auxiliando a nova estrutura, rasgando novos horizontes. O Partenão desabou; mármores que luziram sob o céu de Atenas, jazem espalhados nos museus da Europa. O aticismo que Demóstenes transmitiu, por meio da linguagem, vincando sulcos; através de Roma, já nos alcançou.

Do Mestre amado, no dizer de Olavo Bilac; Mestre querido, como lhe chamou a voz da Eloquência, junto ao leito derradeiro; de sua olímpica serenidade veio um tesoiro, que enriquece a nossa civilização. «Eu, pelo menos, só vi nele o grego», consagra-o Joaquim Nabuco. «Bem o escreveu a pena ática de Machado de Assiz», foi como a estimou o próprio Rui.

Desaparecendo o Mestre, não se desfez o exemplo, a lição, o modelo: exemplo da sua modéstia, sinceridade e franqueza; lição do seu espírito, atividade de raciocínio, apreço da cultura, iniciativa, ordem e disciplina; modelo de vontade que se fez e robusteceu com superiores qualidades de crítica.

Hoje nume tutelar, auspicioso, das nossas letras,

merecendo louvor, cumpre se saiba, do dogma e do sobrenatural foi incrédulo.

Reconheceu Júlio de Mesquita: «Machado de Assiz tinha no organismo o veneno que enche o espírito de tristeza inextinguivel.» Não quis, aventa Lúcia Miguel Pereira, ou não pode alcançar o fundo dos problemas. Não teve força para ser um estóico, opina Alcides Maia. «Duvidar e negar—eis os verbos que ele conjuga em todos os livros de sua última fase.» (Peregrino Júnior). Quando a filha do Barão de Vasconcelos, delicada, sugere finalmente o recurso ao sacerdote, escusou, e para tanto escudou-se na sinceridade quem, como jornalista, confessara: «A franqueza não será das minhas menores virtudes.» No momento duas lágrimas.lhe escaparam...

Devemos pretender a sinceridade, nunca a infalibilidade. Ajunto: na terra não há bálsamo para todas as dores. Como descerrar o mistério das duas lágrimas?

Ele conheceu as cerimônias da Igreja; velhas remembranças envolviam obséquios do padre Silveira Sarmento e outros sacerdotes de suas relações; nunca deixou de conversar as Sagradas Escrituras, não obstante o desinteresse místico; sublimou a Fé:

—Feliz o que nos lábios,
no coração, na mente põe teu nome,
e só por ele cuida entrar, cantando,
no seio do infinito!

Ora não podemos senão exclamar com Bossuet: «Só Deus é grande!» Que revelariam as duas lágrimas? porventura força dentro no homem mais poderosa que a Natureza? «*La dernière démarche de la raison,* confessa Pascal, *c'est de reconnaître qu'il y a une infinité de choses qui la surpassent.*»

Nisso me vem à mente Paulo recebendo o choque de luz no caminho de Damasco; Agostinho cessando as turbações do espírito quasi de um repente, no instante em que achou sentido moral no Cristianismo. « Não sei conceber o homem sem Deus.» Vitor Hugo, que não era místico, procura explicar à filha: «*Ce grand besoin d'amour, la seule soif de Dieu.*» Há no ensaio de Macaulay sobre *Clive,* um desenvolvimento clássico da «medida de indulgência extraordinária» a que tem direito «os homens extraordinários». E quem duvida que Deus tece com o coração? Aproveita um fio luminoso, acidente mínimo porventura, para esclarecer caminhos eternos; onipotente, alou a esperança sobre os vôos da razão. Eis por que o Crisóstomo, lingua de oiro na Igreja, lhe parece, consciência intemerata já lhe parece um vestíbulo do céu.

III

Neste ponto vou ficando; pois certas memórias não se tocam «sem gozo e dor, mistura de que se fazem saudades». A harpa dos crentes e do patriotismo tem notas sublimes, harmoniosas. Impende-nos fazê-las vibrar.

Guardemos e recatemos com afeto a veneração dos homens de prol. O homenageado deste dia julgava-a uma virtude das cidades. Sei que festas enaltecedoras do Gênio, brasão de todo um povo, desvanecem e engrandecem, a esmorecer pelo estímulo de nossa Pátria. Napoleão afirmou que os Gênios são meteoros destinados a arder para iluminar o século em que vivem.

Arautos dos povos, não deixam de ser tambem suas resultantes: do meio e da raça surdem, como árvores do solo, profundamente arraigadas.

Eu, de mim, não desconsiderarei jamais a nobreza de uma figura só por causa da inferioridade de origem. Sombras do berço desaparecem ante a força da vontade. Gerações inteiras no trabalho, todas se redimem pelo esforço e pelo ideal: somos peregrinos, romeiros da perfeição.

Os tempos mudam, e os homens e suas leis; sucedem catástrofes; mas fica e se sobrepõe o efeito maravilhoso de um transformismo, certo transformismo.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

(CAMÕES, soneto XCIX)

Nesta obra contínua, no mundo, alma predestinada poderá ressarcir milênios, e uma vida superior, que seja fonte de ensinamentos, compensará mais de uma época de atraso, prejuizos. Assim, a glória dos que se foram, medrou no bem-estar dos que vivemos.

Digno, meus Srs., airoso e nobilitante o preito da Academia Cearense de Letras a Machado de Assiz, em data transfiguradora, novo Tabor, ardente qual monte Horebe, data centenária, apoteose merecida: com a sua memória a glorificação do nome condiz, a desdobrar, neste momento, nesta hora solene, caudalosa torrente de ovações, o manto régio das comemorações, em todos os estados, nos mais longínquos recantos do Brasil!